III fli petrópolis

3º PRÊMIO DE REDAÇÃO
Nº

NOME: Maria Clara Zampier Rodrigues
IDADE: 18 SÉRIE: 3º série - Ensino Médio
PROFESSOR(A): Renan
ENDEREÇO DO ALUNO:
CATEGORIA: 6

TÍTULO: O Mundo visto da minha janela

Naquela manhã, a professora escreveu no quadro uma frase de Milton Santos que parecia esconder um mistério: "O centro do mundo está em todo lugar, o mundo é o que se vê de onde se está". Fiquei pensando naquelas palavras. Como o mundo poderia ter tantos centros ao mesmo tempo? A resposta não estava nos livros, pelo menos não naquele momento. Talvez estivesse mais perto do que eu poderia imaginar.

Ao chegar em casa, sentei-me diante da janela do meu quarto e observei Petrópolis. As montanhas, envolvidas pelas densas neblinas da manhã, eram minhas companheiras diárias, testemunhas silenciosas dos meus pensamentos mais profundos. Entre elas, admirei suas danças flutuantes entre as montanhas, enquanto os casarões antigos pareciam guardar segredos de outros séculos. Por um instante, imaginei que aquela janela fosse uma máquina do tempo. Vi o passado imperial da cidade, o presente apressado das pessoas nas ruas e, no futuro, uma Petrópolis diferente, onde todos pudessem viver com dignidade e humanidade.

Contudo, a paisagem mudou quando percebi que nem todos enxergavam a mesma cidade. Enquanto turistas fotografavam os monumentos, trabalhadores enfrentavam o trânsito e algumas famílias temiam as chuvas que poderiam ameaçar suas casas. A mesma Petrópolis abrigava sonhos, dificuldades e realidades distintas. Foi então que entendi que minha cidade era muito mais do que montanhas e construções históricas: ela era feita das histórias de quem vivia nela, das lembranças que carregava e das esperanças que ainda desejava realizar.

Na manhã seguinte, contei à professora o que havia descoberto. Disse que cada pessoa enxerga o mundo a partir do lugar que ocupa, mas que também precisamos olhar além da nossa própria realidade. Afinal, amar um lugar significa reconhecer suas belezas e ter coragem de transformar suas injustiças.

Logo após terminar, voltei a pensar na minha janela. Fechei os olhos por um instante e compreendi: minha janela não mostrava apenas Petrópolis, mas mostrava a maneira como eu escolhia enxergar o mundo. Assim, percebi que, embora o mundo começasse diante dos meus olhos, ele não precisava terminar ali. Afinal de contas, quando aprendemos a olhar além da paisagem, descobrimos que o mundo inteiro pode caber em uma janela – e que, às vezes, basta mudar nosso olhar para começar a transformá-lo.